

MARCOS MILIÁRIOS NO CONCELHO DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

E. Hübner, respigando nos escritos dos nossos antiquários, encontrou noticia de cinco marcos miliários, uns inteiros, outros mutilados, pertencentes a via romana de Braga ao Pôrto e existentes em Famalicão ou suas proximidades. As respectivas inscrições, com a indicação do lugar onde cada padrão foi achado, ou melhor, onde os nossos investigadores os conheceram, podem ver-se no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, ir, de n.º 4.737 a 4.741. Dêstes cinco marcos há a descontar um, o do n.º 4.739, que esteve na casa dum Tome da Fonseca e no qual se lia apenas, no tempo de Argote, o nome de Trajano. Este miliário e o do n.º 4.737, de que o *Corpus* nos dá a inscrição completa, são um e o mesmo.

Quem primeiro a vulgarizou foi João de Barros, nas suas *Antiguidades d'Entre Douro e Minho*. Argote copiou-a; mas, depois de a copiar, acrescenta: «A sobredita Columna ainda hoje existe na adega das casas de Domingos Thomé da Fonseca, mas está picada toda, e feita quadrada, cada huma das faces terá dous palmos de largo, e toda a Inscripção está apagada, e somente tem hum pedaço antigo, redondo de huma banda, que ainda mostra dizer TRAIANO.»

Vê-se que Hubner se equivocou, ou por ter lido mal Argote, ou por outro qualquer motivo, vindo assim a contar cinco marcos, em vez de quatro.

Se porém o do Vale de S. Cosmade pertencia a «mesma estrada, como suspeitava o Contador, quando dêle nos dá noticia, copiando ainda Barros, que o afirma quási terminantemente, ai tornamos a conta dos cinco. E temos de elevá-la a seis, juntando-lhe o «fragmento de huma grande Columna» com restos de inscrição, que se via «na mesma parte», onde existia o marco inteiro da Portela de Baixo (Argote, ir, págs. 600-1).

Não sabemos a razão por que Hübner nem sequer alude a êles; mas é de presumir que lhe escapassem as observações dos nossos dois arqueólogos. Bem entendido que não está no meu ânimo melindrar de leve que seja o sábio alemão; as suas faltas são muito desculpáveis num estrangeiro (i); e, se as

(1) Mesmo a de contar como miliários da estrada romana de Braga ao Pôrto os números 4.744, 4.745, declarando que existiam na capela de S. Bartolomeu das Antas, concelho de Coura, suposto Argote claramente diga que pertencem à estrada de Braga a Tui. Pensou certamente Hübner que Santiago de Antas e S. Bartolomeu das Antas ficavam próximos.

noto, é porque me considero obrigado a isso, desde que tive de tratar de tal assunto. O pior de tudo é que dos seus monumentos, uns desapareceram inteiramente, outros estarão de tal modo sumidos, que ninguém sabe onde param.

O 4.737, depois de **sofrer** as judiarias, historiadas pelo Contador, foi atirado, há poucos anos, para os alicerces duma construção qualquer, segundo informa o *Portugal Antigo e Moderno*.

O 4.738 já não existia, ao que parece, no tempo de Argote; os seus correspondentes, pelo menos, não **lhe** dão notícia dêle.

O 4.740 existiria na **Portela** de Baixo, junto duma capela de Santo Estêvão, bem como o fragmento atrás mencionado; mas hoje não só ninguém sabe dizer onde param, senão que **tenho** boas razões para crer que ninguém sabe onde ficava a capela. Com o do Vale de **S. Cosmade** succede pouco mais ou menos a mesma **cousa**.

Enfim o 4.741, que servia de «peanha a uma cruz fronteira á igreja de Santiago d'Antas», se ainda existe, como me afirmam, é tão pouco conhecido, que mo não souberam indicar, quando o procurei. **Já** na época de Argote estava reduzido a um fragmento.

A-pesar-de tudo, quere-me parecer que uma investigação minuciosa, ajudada por uma boa vontade, poderiam ainda valer à **ruína** total de algumas destas reliquias, hoje desprezadas por nos com um desdém, que os nossos vindouros provavelmente hão-de alcunhar de selvagem.

Vou dar um exemplo, para fundamentar a minha suposição. ia diter as minhas suposições: Quando procurei o fragmento do padrão, que muita gente ainda cuidará que serve de apeanha á cruz fronteira á igreja de Santiago d'Antas», ninguém me soube dar conta dêle, como já disse. Encontrei porém inesperadamente nas dependências da casa da residência dois esteios de pedra partidos à cunha e sustentando o travejamento duns telheiros. Numa das faces de ambos êles havia claros vestígios de letras e o exame delas mostrou-me logo que os dois esteios foram cortados dum mesmo **miliário**, dedicado a **Caracala**. Quando pude cotejar a **cópia** que tirei desta inscrição fragmentada com a que se lia no marco da **Portela** de Baixo, confirmei-me na suspeita, que de principio me assaltou, de que a pedreira, donde se extraíram os espeques dos telheiros, foi aquele miserando marco, despedaçado depois do tempo de Argote, precisamente depois do tempo, em que 'era licito esperar que os abades de Santiago de Antas reconhecessem nêle um monumento histórico de valor. Seria trabalho muito fácil, sem exigir extrema habilidade, recompor os dois fragmentos e preencher as lacunas da epigrafe. Conhecemos o actual Abade de Antas sômente pela sua fama de ilustrado; se pessoalmente o conhecêssemos, lembrar-lhe-íamos esta obra, que, além de meritória, viria por fim a escurecer o maleficio dos seus antecessores, caso **fôsse** algum **dêles**, como me parece certo, que pôs o pobre miliário no estado em que o vemos.

*

Além dos padrões nomeados, posso dar noticia de mais **três**, descortinados pelo meu amigo Doutor José Sampaio, e **que** fui examinar com **êle**, haverá dois anos.

O primeiro foi encontrado numa escavação feita defronte do portal da casa de Pereira, e ai se conserva numa posição, que bem mostra ter sido apreciado pelo **achador**, pouco importa o motivo porquê. Era extremamente grosseiro, e hoje apenas se distinguem nêles letras soltas, ou grupos de letras que **não** fazem sentido, exceptuando o grupo **AVG(usto)**. O segundo está numa casa, próxima da igreja de Cabeçudos, sustentando uma varanda. É cilíndrico, das dimensões do terceiro, que **não** tarda a ocupar-nos, e poderia dizer-se perfeito, se... conservasse a inscrição. Mas **tôdas** as letras foram picadas, intencionalmente picadas, sem dúvida, e quasi tão perfeitamente, que mal se vislumbra vestígio de alguma. Tenho visto que esta espécie de vandalismo obedece a uma de duas causas: ou a pedra é furtada e, acabando com o letreiro, se acaba com o receio de que algum **Edipo** imprevisto decifre nêles **cousa** que denuncie o furto, ou quem sabe que mais; ou se sofisma **dêste** modo a lei velha, que impunha certas penas aos que, encontrando uma antiguidade, **não fôssem** dar parte do achado à respectiva autoridade. Esta lei obsoleta, e talvez desconhecida pela maioria dos **jurisperitos**, é ainda conhecida em alguns recantos do Minho; e, como se vê, mesmo depois de morta e enterrada, é tão respeitada, como grande parte das nossas leis vivas. Quero supor que o dono do miliário, hoje anepigráfico, de Cabeçudos, destruiu a inscrição, movido por uma terceira causa, que por ora desconheço.

O terceiro e último padrão, de que tenho a falar, está no lugar de Santa Ana (mesma frèguesia), numa casa pertencente à família do meu amigo, Juiz Adriano Sampaio. Sustenta também uma varanda. Tem de altura **2^m,50**; de circunferência **2^m,42**. É cilíndrico, como o antecedente. Suspeito que esteve por muito tempo enterrado, numa posição horizontal. aflorando um pouco do solo, e com esta parte exposta à usura dum trânsito aturado. Só assim posso explicar que **quasi tôda** a inscrição apareça hoje muito distinta, enquanto que numa facha, que zebra o cilindro de alto a baixo, nem sinais de letra se descobrem. O que actualmente se lê é isto:

IMP	IVISEVERI FI
DIVIM	ANTONINI N
DNI	INIPI PRONEP
DIVIEL	NIABNE
DNIT	ET
DIVIN	ADNEP
M. AVR	ANTONINO PIO FELAVG (1)
PART	
BRIT	AX
GERM	MAX
PONTI	X
TRIBVNI	OTXVII
IMPIII	IPROCO
ABRA	AVG
M . P . X .	

(1) No nome de Antonino o A N estão ligados.

Leia-se: *Imperatori Caesari divi Severi filio | divi Marci Antonini nepoti | divi Antonini Piipronepoti | divi Elii Hadriani abnepoti | divi Trajani et | divi Nervae adnepoti | Marco Aurelio Antonino Pio, Felici, Augusto | Parthico maximo | Britannico maximo | Germanico maximo | Pontifici maximo | tribirnitia potestate XVII | Imperatori III, consuli IIII, proconsuli | A Bracara Augusta | millia passuum X.*

Esta inscrição apenas oferece alguma dúvida na última linha. Para quem a examinar com atenção, e mesmo com prevenção, a leitura M . P . X . parece certa; e, não podendo o miliário X ter sido primitivamente colocado em ponto nenhum da actual frèguesia de Cabeçudos, haveria a concluir que foi trazido doutra parte. A consequência seria forçada, se a leitura fôsse certa; porém eu disse que o parecia, e confesso francamente que me não atrevo a decidir a questão. Os que o tentarem precisam de saber que, segundo informações de boa fonte, o padrão esteve primeiro num sitio pouco distante, mas diferente daquele em que está hoje, à beira, senão atravessado num estreito caminho, e muito desprezado. Para o deixar num lugar dêstes, não valia muito a pena estafar algumas juntas de bois, trazendo-o de longe.

Mas antes disso, que destino teria êle?

Guimarães, 3-12-91.

(Na *Nova Atvorada*, Famalicão, 1892 — Ano i, n.º 9, pág. 89).